

Lourenço Mutarelli
O CHEIRO DO RALO

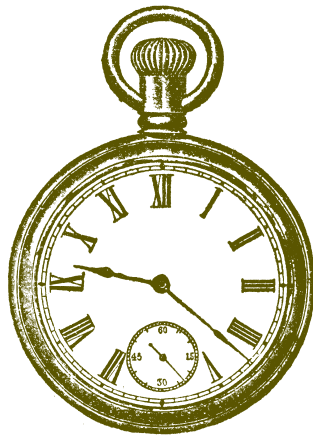


Agradeço a Lucimar Mutarelli,
com amor, pela paciência e pelas
pesquisas na internet.
Pela primeira revisão e, principalmente,
por sua primeira leitura
e críticas que salvaram este livro.

Este livro eu devolvo ao amigo Ferréz.

1

Tudo o que
o mundo tem a
lhe oferecer



Soran era um anagrama. Foi isso que ele me disse.

Disse também que pagou um preço muito alto para conseguir o relógio. Ele tirou do bolso de seu paletó uma pataca, toda de ouro.

Notei que um dia ela teve uma tampa, uma tampa de proteção.

Jura que o mesmo pertenceu ao professor Soran.

Eu perguntei quem diabos era Soran.

Ele me disse que Soran era um anagrama. Ele retomou o relógio de minhas mãos e o devolveu ao bolso interno de seu paletó.

E então, quanto vão me dar por ele?

Vinha um forte cheiro de fossa que subia do ralo e invadia meu nariz. Invadia a sala toda.

Cheiro de merda, é do ralo, afirmei.

Acho que fiquei com vergonha de que ele pensasse que o cheiro vinha de mim.

Ele falou que Soran era um sábio, um visionário. Minhas costas coçavam e eu percebi que, ao olhar o relógio, nem aproveitei para conferir as horas. Eu estava com pressa, mas fiquei sem jeito de olhar no meu pulso.

Posso ver só mais um detalhe nesse seu belo relógio que pertenceu a Sólon? Soran, ele corrigiu. Duas e meia. Não sabia se podia confiar naquela velharia, será que ainda funciona? Quase que por instinto o coloquei no ouvido. Tocava uma bela melodia. Foi o que ele disse. Confirmando que um dia o relógio possuiu uma tampa e que, ao abri-la, a música se fazia tocar.

Ele disse que a música que tocava era a mesma que hoje toca nos caminhões que entregam gás.

Não consegui me conter e conferi, quinze para uma, no paraguaio algemado a meu pulso.

Ele contou que o relógio chegou a suas mãos através de um arqueólogo. Eu disse que não imaginava que o relógio fosse tão velho assim.

Ele não entendeu a piada. Disse que esse arqueólogo, cujo nome agora me escapa, agia como um espião. Sabia que viria uma daquelas histórias que eu não estava a fim de ouvir.

Ele me falou que Soran era um anagrama.

Depois da história toda ele concluiu que apesar do valor inestimável ele poderia me fazer um preço especial.

Disse que não havia interesse.

Se ao menos estivesse com a tampa. Acrescentei.

Ele fechou a cara.

Ele olhou novamente para o relógio.

Ele falou que eu não estava entendendo a oportunidade que se abria para mim. Ele falou que a sorte abre suas portas para todo mundo, pelo menos uma vez na vida, mas que, se essa oportunidade é desperdiçada, a sorte cerra suas portas.

Ele saiu, batendo-a com toda a força.

A mocinha era lenta de fato.

Sua cara era melancólica. Quase inexpressiva.

O lanche que me servia era igualmente sem graça.

Lembrei da piada que fazíamos no refeitório de meu primeiro emprego. 007. Era como chamávamos o bife.

Porque era frio, duro e tinha nervos de aço.

Enquanto comia, devorava o livro que apoiei no balcão.

Tabloide americano. James Ellroy. O livro era bom. Ellroy escrevia no ritmo de meus pensamentos. Estonteante. Vertiginoso. Uma tormenta. Um atormentado.

Deixei o lanche pela metade.

O refrigerante era de lata.

Eu passei a pensar no ritmo de James Ellroy.

Quando me dei conta, contemplava uma bunda enorme.

Farta. Quase disforme.

Era da moça. Pensei que no fundo ela era boa.

Sorri. Ela devolveu sua cara melancólica.

Perguntei o seu nome.

Não consegui pronunciá-lo.

No fundo ela era boa.

Perguntei há quanto tempo ela trabalhava na lanchonete.

Uma semana.

Pensei que com aquela cara, no mesmo prazo, perderia seu emprego.

Ela virou e se abaixou para pegar a comanda que fugira de seu bolso. Talvez ela se aposentasse no emprego. Talvez fosse promovida a gerente. Ela perguntou o que eu lia. Mostrei-lhe a capa. James o quê? Ellroy, devolvi.

Ela me disse que eu parecia com o cara do comercial da tv.

Tentei lembrar sua cara.

Sorri para ela.

Não gostou do lanche?

Estou sem fome.

Pedi outro refrigerante.

Ela se virou para apanhar.

Pensei que poderia passar uma semana só olhando para o seu rabo.

Fui ao caixa. Paguei a conta e pedi cigarros.

Ele me deu uma bala de troco.

Framboesa.

Fui até o balcão. Dei a bala para a moça. Como é mesmo o seu nome? Perguntei. Jamais serei capaz de pronunciá-lo. Ela não sorriu.

Ela guardou a bala no bolso.

Eu queria pedir que ela virasse mais uma vez.

Voltei ao trabalho. Eu queria querer parar de fumar.

Ele entrou. Trazia nas mãos um faqueiro.

É de prata.

Fiz a oferta. Ele me falou que a vida era dura.

Eu expliquei que o cheiro vinha do ralo.

Ele aceitou a oferta meneando a cabeça.

Esse faqueiro tem muitas histórias.

Jurei acreditar. Tirei a chave do bolso e abri a gaveta.

Coloquei as notas sobre a escrivaninha.

Ele nem contou. Agradeceu com a cabeça.

Foi até a porta.

Voltou.

Olhou o faqueiro com os olhos embotados. Deslizou sua mão sobre a tampa da caixa como quem faz um carinho.

Falou que a vida era dura. Saiu.

Minha boca amargava.

De repente eu olhava um sapato. Era o meu.

Ele entra. Era um bicho esquisito o que carregava. Porcelana chinesa. Dinastia de fulano. Não sei se era um dragão ou um gato. Ele mesmo deduziu não haver interesse. Acendi um cigarro.

Quando percebi, ela perguntava o que eu achava daquilo. Eu falei que era assim mesmo. Então você acha certo um pai de família fazer uma coisa dessas? O quê? Gastar tudo no jogo. Claro que não.

Ela perguntou se eu não ia comer a salada. Disse que estava sem fome. Ela falou que já estavam na gráfica. Os convites. Ela falou que me amava. Ela falou que ao meu lado seria feliz.

Eu falei que só os ingênuos acreditavam em felicidade.

Ela cobriu o rosto tentando chorar. Estúpido! Insensível!

É isso que você é. Insensível.

Levantou-se da mesa. Enchi minha taça de vinho.

Desculpa. Ela falou.

Desculpar o quê? É que eu fiquei nervosa. Não quero estragar esta noite. É que, às vezes, você finge ser tão insensível. Falta só um mês.

Falei que eu não queria casar.

Ela fez uma cara engraçada.

Ela bateu na minha cara.

Ninguém bate na cara de um homem. Meu pai costumava dizer.

Você está louco?

Claro que não. E a prova disso é que eu vou acabar com essa merda toda.

Você falou que o nosso relacionamento é uma merda.

Ela bateu na minha cara de novo.

Levantei.

Ela me empurrou tão forte que voltei a sentar.

Eu não gosto de você. Nunca gostei. Nunca gostei de ninguém.

Ela de joelhos no chão chorava de uma forma engraçada.

Eu ri. Sai daqui! Você é louco! Agora sou eu quem não quer casar com um louco. Ter uns filhos *tudo loucos*. Sai! E não apareça nunca mais! Seu louco.

O que que os outros vão pensar, com os convites na gráfica?

Foi o que ouvi ao fechar a porta.

Olhava a pombinha branca. Mais cinza do que branca. Nos pés faltava mais dedo do que tinha. As pipas? Aqui no centro acho difícil... Na hora da cagada ela alçou voo. A merdinha, mais branca que ela, estalou numa careca alheia.

Batem na porta, volto à escrivaninha. Entre. Ele entra. Em suas mãos uma flauta.

Minha boca amarga. Se eu tivesse uma bala. Framboesa.

Esta flauta tem muita história para contar. Ele sopra umas notas. Não aguento. Rio. Rio sem poder me conter. Rio por tudo e de todos. Ele para. A flauta cala. Dou minha oferta.

Ele ri.

A vida é dura. Falo.

Ela entra chorando.

Me pede perdão.

Diz que me ama.

Diz que não vai me perder assim tão fácil.

Me abraça. Eu, imóvel. Digo que ela não tem nada a me oferecer.

Ela bate na minha cara.

Ela diz que eu não vou escapar tão fácil assim.

Diz que vou me arrastar a seus pés.

Eu nunca gostei dela.

Eu nunca gostei de ninguém.

Ela sai.

O cheiro de merda me infesta o nariz.

Paul Auster me deixa confuso. Ele escreve no ritmo que penso. Vertiginoso. Todos aqueles sr. White, sr. Green. Como no jogo do tabuleiro.

Sr. White, com a faca na biblioteca.

Da mão para a boca.

Ela me entrega o lanche. Ela quase sorri.

Ela se vira para buscar o refrigerante.

Eu poderia ficar uma semana só olhando ela se virar.

Esse livro já é outro?

Mostro a capa.

Paul do quê?

Ela diz que gostava de ler. Só revista. *Revista dos Astros*.
Astros da tv. Eu pagaria só para olhar essa bunda.

Peço um café.

Tá sem fome de novo?

É.

Seu nome era a mistura de pelo menos outros três.

Seu pai, sua mãe e algum astro da tv.

Ela pergunta o meu.

Eu falo.

Ela repete em voz alta.

Ela deve ler mexendo a boca.

Ela deve mexer a boca até quando vê as fotos dos astros.

Deve mexer a boca evocando seus nomes. Roberto Carlos.

Me pego olhando uma jarra de um suco que eu mesmo fiz.

Fecho a geladeira.

Ligo a tv.

Imagino uma série de coisas. Misturadas ao que a tv diz.

No 8o são três se pegando, naquela velha coreografia de
filme pornô.

No Discovery um monstrengo assustado.

A série americana já vem com risadas.

No Cartoon um desenho que vi quando era criança.

No teto uma lâmpada desatarraxada.

No sofá minha roupa de ontem.

Na estante ainda tem livro pra ler.

O jornal repete o atentado de um mundo que eu mesmo fiz.

Ele entra. Na mão, uma gaiola segura um canário. Em-
palhado.

Isso tem história.

Dou meu lance.
Ele ri com os olhos fechados.
Pego a pequena chave e abro a gaveta.
Ele conta o dinheiro, nota por nota.
Três vezes.
Ele conta o dinheiro mexendo a boca.
Tenta me dar a mão, como quem fecha um grande negócio.
Eu finjo não ver sua mão. Nem me dou o trabalho de
justificar o cheiro.
Ele sai. Ele pensa estar feliz.

Ela entra.
Ela treme.
Ela não olha em meus olhos.
Olhos que parecem nem se mover.
Nas mãos um porta-joias. Nele, um bracelete, um par de
brincos, um alfinete de gravata, um águs-dei.
Tudo de ouro.
Reclamo do cheiro como se nunca o tivesse sentido.
É do ralo.
Pergunto a procedência, só para poder regatear.
Ela diz ser herança.
Dou o lance, chuto baixo.
Ela aceita de pronto.
Ela treme.
Sei que logo ela vai parar de tremer.

Ele entra.
Me tomo fitando o céu.
Ele diz: Vai chover.
O gramofone pesava.